

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O INGLÊS ANTIGO

João Bittencourt de Oliveira (UERJ/UNESA)
joao.bittencourt@bol.com.br

1. Introdução

A língua inglesa que se conhece no presente é o resultado de uma evolução de mais de quinze séculos. A maioria dos autores concorda que essa mudança foi gradual, não podendo ser tão facilmente demarcada do mesmo modo que se demarcam acontecimentos históricos ou políticos. Contudo, as seguintes fases da língua são bem delineadas quanto aos aspectos fonéticos, morfológicos, lexicais e sintáticos:

- 449–1100: Old English (Anglo-Saxônico) – A língua de *Beowulf* e Alfredo o Grande (do inglês antigo: *Ælfrēd*).
- 1100–1500: Middle English – A língua de Chaucer (*Canterbury Tales*)
- 1500–1650: Early Modern English – A língua de Shakespeare e da versão bíblica King James.¹
- 1650– até os dias atuais: Modern English – A língua como se fala e escreve nos dias de hoje.

Entende-se por inglês antigo ou inglês saxônico (Old English), o inglês falado e escrito de diversas formas no período de 450 a 1100. É também conhecido como o período das flexões completas, porque durante esse período as terminações do substantivo, do adjetivo e do verbo são mantidas para designar as diferentes funções sin-

¹ Essa primeira fase do inglês moderno é derivada do dialeto de Midlands Oriental, hoje uma das nove regiões oficiais da Inglaterra, especialmente da área de Londres. Dessa variedade local surgiu, nos fins do século XIV, uma língua escrita que, no decorrer do século XV, ganhou status e sobrepujou as demais variedades, tornando-se desde então a língua padrão tanto no registro falado quanto no escrito. A expressão *King's* ou *Queen's English* significa o inglês gramaticalmente correto e provavelmente vem de uma passagem de Shakespeare: "Abusing of God's patience and the king's English." [Shakespeare, *The Merry Wives of Windsor*, l. v. 5.] (*Apud* HARVEY, 1967, p. 272).

táticas. Os textos desse período são praticamente ininteligíveis para os falantes do inglês moderno tal como o latim para os falantes do francês ou do português. A título de ilustração, veja-se a frase de abertura do primeiro capítulo da obra famosa de Bede² *Historia ecclesiastica gentis Anglorum* (“História Eclesiástica do Povo Inglês”) na versão em inglês antigo:

Breten is gāececges īegland, þæt wæs geō geāra Albion hāten.

Se mantida a mesma ordem das palavras no inglês contemporâneo a frase seria:

Britain is a sea`s island, that was ago years Albion called.

[A *Bretanha* é uma ilha do mar que nos anos passados Albion se chamava.]

Traduzida conforme o padrão sintático moderno, a mesma frase seria:

Britain is an island of the sea that was formerly called Albion.

[A *Bretanha* é uma ilha do mar que outrora se chamava Albion.]

Na frase original, a ordem das palavras na oração principal é exatamente a mesma do inglês moderno, já a subordinada dela se difere substancialmente (guardando certa semelhança com o alemão). Algumas palavras são as mesmas ou muito semelhantes às do inglês moderno (*is, Albion; Breten, wæs*), algumas são mais distantes mas ainda identificáveis após a tradução (*īegland* “sland = ilha”, *geāra* “years = anos”), e outras totalmente estranhas (*gāececges* “do mar” – genitivo, *geō* “outrora”, *hāten* “chamada, denominada”).

Os primeiros textos em inglês antigo começaram a aparecer durante o século VIII, sendo a maioria em West Saxon (saxão ocidental), um dos quatro dialetos principais. Um dois textos mais antigos que se conhece é o famoso poema épico *Beowulf*. É também o mais extenso fragmento da literatura de imaginação em inglês antigo e foi composto durante o século VII ou VIII por um talentoso poeta

² Bede: Também conhecido como Venerável São Bede, Venerável Bede (do inglês *The Venerable Bede*), e Pai da História Inglesa. Nasceu em Wearmouth, Inglaterra, no ano de 672, numa época em que a Inglaterra estava completamente cristianizada. Este trabalho de cinco volumes narra os eventos na Grã-Bretanha desde os ataques de Julius Cezar em 55AC até a chegada do primeiro missionário de Roma, Santo Agostinho em 597d. C.

anônimo anglo, provavelmente um monge ou clérigo, que conseguiu mesclar fatos da história escandinava e da mitologia pagã com elementos cristãos. O Poema se refere a acontecimentos semi-históricos de um passado distante que pode ser datado do ano 520 aproximadamente, já que muitas pessoas citadas são conhecidas através de outras fontes; fala dos reis e heróis escandinavos e de suas contendas. A ação envolve não somente os Anglo-Saxões, mas também algumas tribos do norte, principalmente os Suiões, os Getas, os Frísios e os Danes.

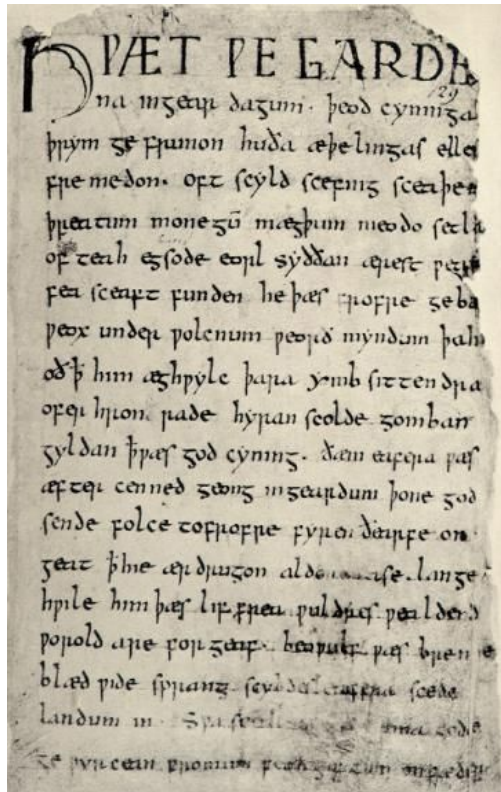


Figura 1: Primeira página do único manuscrito existente do poema *Beowulf*. Note-se como as margens estão esfarrapadas e a página escurecida pela fumaça de incêndio de século XVIII. (POOLEY, 1968, p. 22)

Apresentamos, a seguir, os dez primeiros versos originais de *Beowulf*, com a tradução em inglês contemporâneo realizada pelo poeta e escritor irlandês Seamus Heaney, agraciado com o Nobel de Literatura de 1995.

Hwæt! We Gardena	in geardagum,
þeodcyninga,	þrym gefrunon,
hu ða æþelingas	ellen fremedon.
Oft Scyld Scefing	sceaþena þreatum,
monegum mægþum,	meodosetla ofteah,
egsode eorlas .	Syððan ærest wearð
feascaft funden,	he þæs frofre gebad,
weox under wolcnum,	weorðmyndum þah,
oðþæt him æghwylc	þara ymbsittendra
ofer hronrade	hyran scolde,

(*Beowulf*, vv. 1-10)

So. The Spear-Danes in days gone by
and the kings who ruled them had courage and greatness.
We have heard of those princes' heroic campaigns.
There was Shield Sheafson, scourge of many tribes,
a wrecker of mead-benches, rampaging among foes.
This terror of the hall-troops had come far.
A foundling to start with, he would flourish later on
as his powers waxed and his worth was proved.
In the end each clan on the outlying coasts
beyond the whale-road had to yield to him

(*Beowulf*, vv. 1-10, tradução de Seamus Heaney)

Na primeira versão do Pai Nosso, datada por volta do ano 1000, mais de 80% das 54 palavras são irreconhecíveis para grande parte dos falantes nativos do inglês moderno. Antes da invasão dos Normandos (1066), muitas palavras do inglês moderno tomadas do francês ainda não faziam parte do léxico inglês. Podemos observar que o texto da versão King James de 1611, com exceção do emprego do **u** em lugar do **v**, já se aproxima muito do inglês moderno, sendo, pois, acessível a qualquer falante nativo.

Inglês antigo (Old English)

Fæder ure þu þe eart on heofonum;
Si þin nama gehalgod
to becume þin rice
gewurþe ðin willa
on eorðan swa swa on heofonum.

Versão King James (1611)

Our father which art in heauen,
hallowed be thy name.
Thy kingdom come.
Thy will be done in earth as it is in heauen.
Giue us this day our daily bread.

urne gedæghwamlican hlaf syle us todæg	And forgiue us our debts
and forgyf us ure gyltas	as we forgiue our debtbers.
swa swa we forgyfað urum gyltendum	And lead us not into temptation,
and ne gelæd þu us on costnunge	but deliuer us from euill.
ac alys us of yfele soþlice	Amen.

2. O povoamento germânico

O inglês antigo consistia de vários dialetos germânicos levados para a Grã-Bretanha do noroeste do continente europeu em meados do primeiro milênio da Era Cristã. O povoamento germânico foi muito limitado durante o período romano (41-410 d. C), mas se expandiu grandemente após a saída dos romanos nas primeiras décadas do século V d. C. A língua nunca foi totalmente homogeneizada como um meio literário ou administrativo, contudo logrou maior progresso nessa direção (apesar da primazia do latim) do que a maioria das outras línguas vernáculas europeias. Escrevendo em latim no século XIII, o monge e historiador anglo-saxão do mosteiro de Jarrow, na Northumbria, Bede, identificou em sua monumental obra concluída em 731, acima citada, os primeiros colonizadores germânicos como três povos distintos: os Jutos (*Iatae* em latim), os Anglos³, e os Saxões. Com base nos seus escritos e também em outras indicações, os Jutos e o Anglos provavelmente habitavam na península dinamarquesa, os Jutos no norte (donde o nome Jutlândia, em dinamarquês *Jylland* e em alemão *Jütland*) e os Anglos no sul, em Schleswig-Holstein (atualmente um dos 16 *Länder* ou estados federais da Alemanha). Os Saxões se estabeleceram ao sul e ao oeste dos Anglos, mais ou menos entre o Elba e o Ems, possivelmente até o Reno. Uma quarta tribo, os Frísios ou Frisões, alguns dos quais com muita probabilidade foram para a Inglaterra, ocupavam uma estreita faixa de terra ao longo da costa desde Weser até o Reno, juntamente com as ilhas fronteiriças. Na época das invasões, os Jutos haviam aparentemente descido para a área costeira próxima à voz do Weser, e possivelmente se fixado ao redor do Zuyder Zee (Holanda) e do baixo Reno, daí o contato com os Frísios e os Saxões (BAUGH & CABLE, 1993, p. 45-46).

³ São os dialetos germânicos falados pelos anglos e pelos saxões que vão dar origem ao inglês. A palavra *England*, por exemplo, originou-se de *Angle-land* (literalmente: "terra dos anglos").

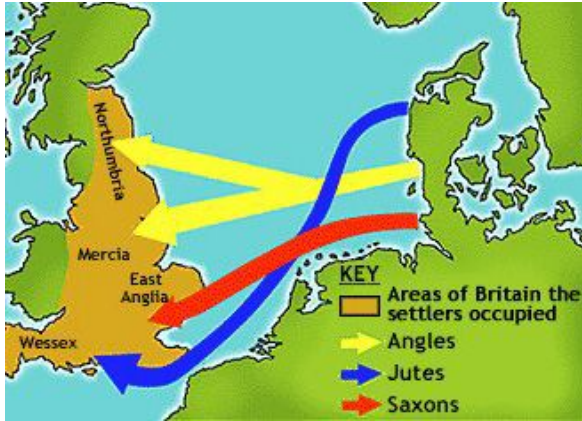


Figura 2: Mapa mostrando as diversas rotas migratórias tomadas pelas tribos germânicas entre os séculos V e XI.

Fonte: http://www.theancientweb.com/explore/content.aspx?content_id=34

Os membros das tribos germânicas que chegaram primeiro – os Jutos liderados pelos irmãos Hegest e Horsa – se instalaram principalmente na parte sudeste da ilha, ainda conhecida pelo nome céltico de “Kent” (do britônico *Cantus*, literalmente: “aba” ou “borda”). Subsequentemente, os Saxões continentais vieram a ocupar o restante da região sul do Tâmis, e os Anglos se estabeleceram na grande área que se estendia do norte do Tâmis aos planaltos escoceses (Scottish Highlands), exceto a parte do extremo sudoeste (atual País de Gales).

A ocupação germânica compreendia sete reinos, a heptarquia anglo-saxônica: Kent, Essex, Sussex, Wessex, East Anglia (Anglia Oriental), Mércia, e Northumbria – sendo o último, as terras ao norte do Humber, uma amalgamação de dois reinos anteriores, Bernica e Deira. Kent logo se tornou o centro principal de cultura e riqueza, e antes do final do século VI seu rei Ethelbert (Æðelberht) pôde reivindicar a hegemonia sobre todos os outros reinos ao sul do Humber. Mais tarde, nos séculos VII e VIII, essa supremacia teve que passar a Northumbria, com seus grandes centros de erudição em Lindisfarne, em Wearmouth, e em Jarrow, o próprio mosteiro de Bede; em seguida a Mércia; e por fim a Wessex, com sua brilhante linhagem de reis começando com Egbert (Ecgbert), que destronou o rei de Mércia

em 825, e culminando no seu neto, o superlativamente grande Alfredo, cujos sucessores, após sua morte em 899, tomaram para si o título de *Rex Anglorum* (“Rei dos Ingleses”) (PILES, 1971, p. 115-16).

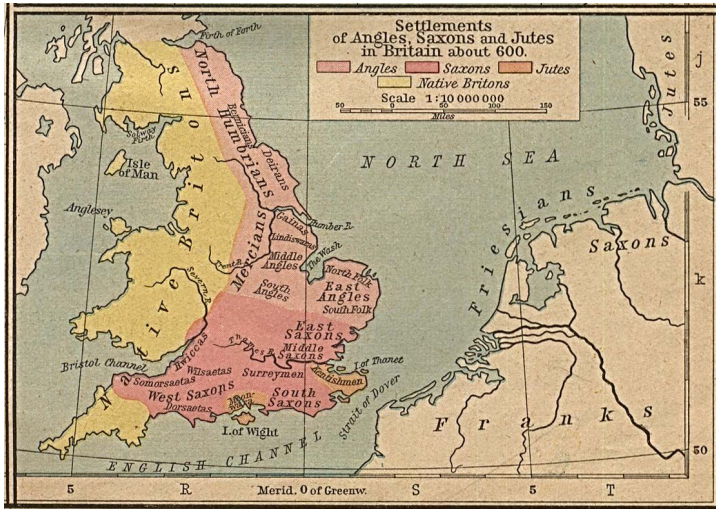


Figura 3: Distribuição dos principais dialetos do inglês antigo por volta do ano 600. A área em amarelo era ainda habitada pelos britânicos nativos. Fonte: http://www.lib.utexas.edu/maps/historical/shepherd/britain_settlement_600_1923.jpg

Já no século VIII, os falantes do inglês antigo dominavam territórios aproximadamente equivalentes em extensão e distribuição ao reino posterior da Inglaterra. Quatro variedades principais da língua podem ser distinguidas nos documentos preservados: o *Kentish*, associado aos Jutos; o *West Saxon*, na região sul chamada Wessex, basicamente o mais poderoso dos reinos saxônicos, cujos fundadores se originaram no norte da Alemanha; o *Mercian*, dialeto anglo falado em Mércia, um reino que se estendia do Tâmesa ao Humber; e o *Northumbrian*, o mais setentrional dos dialetos anglos, falado do Humber ao Forth. A Crônica Anglo-Saxônica (*The Anglo-Saxon Chronicle*), iniciada no século IX (891) a pedido do rei de Wessex Alfredo o Grande, e escrita inteiramente em inglês antigo, por sua vez, descreve ano a ano, do ponto de vista dos colonizadores, o progresso de vários líderes e grupos à medida que superam a resistência dos britânicos céltico-romanos do século V ao VII.

3. *Algumas características do inglês antigo*

O inglês antigo é uma língua flexionada, bem parecida com o latim e o russo. O processo de flexão consiste em fazer variar uma palavra para nela expressar certas categorias gramaticais. Desse modo, substantivos, pronomes, adjetivos e verbos possuem um conjunto de terminações ou desinências nominais para as categorias de gênero, número e caso e verbais para as categorias modo-temporais, como veremos.

Comparado com o inglês moderno, o inglês antigo é uma língua sintética. Outra característica marcante do inglês antigo é, indiscutivelmente, a predominância do vocabulário germânico.

3.1. Alfabeto e ortografia

O sistema ortográfico do inglês antigo não era uniforme. Cabe aqui ressaltar que os Anglo-Saxões levaram também consigo do continente o alfabeto rúnico⁴, mas após sua conversão ao Cristianismo eles adotaram a forma britânica do alfabeto latino, principalmente o que era utilizado na Irlanda, substituindo mais tarde os caracteres rúnicos **þ** = **th** e **ƿ** = **w** por **th** e **u** ou **uu**. Um **d** cruzado (= **ð**), com os mesmos valores de **þ**, era livremente usado, especialmente em posição medial e final. O alfabeto anglo-saxônico era formado pelas seguintes letras: **a, æ, b, c (k), d, e, f, g, h, i, k, l, m, n, o, p, r, s, t, þ/ð, u, ƿ = w, x, y**.

O inglês antigo possui sete vogais e três ditongos. Quanto à quantidade, as vogais podem ser longas ou breves. O comprimento da vogal raramente é indicado nos manuscritos. Ocasionalmente emprega-se o sinal (˘) sobre as vogais breves, e mais frequentemente o sinal (ˉ) sobre as vogais longas. Vez por outra, dobra-se a vogal para indicar que a mesma é longa, como **good**. Em livros-texto modernos as vogais longas são geralmente assinaladas; alguns editores usam o

⁴ O alfabeto rúnico ou *Futhork* — termo formado a partir do nome das seis primeiras letras deste alfabeto, que se chamavam runas — era o alfabeto utilizado pelos antigos povos de língua germânica (como os anglos e nórdicos). Empregava-se também na adivinhação e na magia.

acento agudo (á), outros o macron (ā), e outros ainda o acento circunflexo (â). A determinação do comprimento das vogais tem sido alcançada pela cuidadosa investigação, e particularmente pela comparação com os dialetos germânicos cognatos.

A maioria das consoantes no inglês antigo, com poucas exceções, é pronunciada de maneira bastante semelhante ao inglês moderno. Eis algumas particularidades:

- **c** = [k] antes de vogais posteriores (como [a], [ɔ], [o], [u]) e da maioria das consoantes: *castel* > *castle* “castelo”, *crabba* > *crab* “caranguejo” e [tʃ] antes de vogais anteriores (como [i], [I]): *cēowan* > *chew* “mastigar”, *cild* > *child* “criança”.
- **þ/ð** = [θ] em posição inicial, final ou próximo a consoantes surdas e [ð] em outras combinações (No inglês moderno, essas letras foram substituídas por **th**, como em *think* “pensar” e *this* “este”).
- **f** = [f] em posição inicial ou final: *fæt* > *fat* “gordo”, mas [v] entre fonemas sonoros: *drīfan* [dri:vən] > *drive* “dirigir, guiar”.
- **g** = [g] antes de vogais posteriores e consoantes: *gan* > *go* “ir”, *grim* > *grim* “sombrio” e [j] antes de vogais anteriores: *gēar* > *year* “ano”.
- **s** = [s] em posição inicial, final ou junto a consoantes surdas: *syllan* = *give* “dar”, *steorra* > *star* “estrela”, mas [z] entre fonemas sonoros: *cēosan* > *choose* “escolher”, *ciese* > *cheese* “queijo”. Com **c**, pronunciado [ʃ]: *schip* > *ship* “navio”, *scortlice* > *shortly* “em breve”, *fisc* > *fish* “peixe”.
- As letras **j**, **q** e **v** não faziam parte do alfabeto inglês antigo, embora os fonemas que atualmente representam já eram usados, como por exemplo, *ecg* > *edge* “borda”, *cwēn* > *queen* “rainha”, *lūfian* > *love* “amor”. As letras **u** e **j**, distintas de **v** e **i**, só foram introduzidas no século XVI, quando o **w** adquiriu o status de letra independente.
- Quando algumas consoantes eram dobradas, como em *sittan* > *sit* “sentar”, elas eram pronunciadas de forma alongada.

3.2. As Declinações: as categorias de gênero, número e caso

A declinação, ou sistema de flexões nominais, no inglês antigo, de maneira aproximada ao latim, indica três categorias: *gênero*, *número* e *caso*. Essas três categorias, entretanto, são indicadas simultaneamente por uma única e mesma forma nominal.

Gênero – No inglês antigo, além dos gêneros masculino e feminino, há ainda o gênero neutro, para as palavras que não são nem masculinas nem femininas. Porém, cumpre aqui observar que nem sempre o gênero natural, baseado nas diferenças de sexo, corresponde exatamente ao gênero gramatical. Desse modo, as palavras *wif* "mulher", *mægden* "menina" e *cild* "criança", ao contrário do que se espera, são neutras.

No inglês moderno, predomina o gênero natural, ou seja, os substantivos gramaticalmente masculinos são biologicamente do sexo masculino. Há pouquíssimas exceções a essa regra, como, por exemplo, ao se referirem a navios e países, os falantes nativos utilizam o pronome *she* "ela" e não *he* "ele".

Número – Como no inglês moderno, há no inglês antigo apenas dois números: o *singular* e o *plural*. Do antigo dual, o único vestígio é encontrado nos pronomes da primeira e segunda pessoa: *wit* "nós dois" e *git* "vocês dois".

Caso – Diferentemente do que acontece no inglês moderno, onde as palavras, como os substantivos, apresentam variações em sua parte final (desinências nominais) para indicarem apenas as categorias de número e gênero (este em casos excepcionais, como *count* "conde" – *countess* "condessa"), no inglês antigo, os substantivos, adjetivos e pronomes indicam, ainda por meio de desinências, qual a função que desempenham na frase. Chama-se *caso* à forma tomada por uma palavra declinável para indicar precisamente qual a função sintática que desempenha na frase. São quatro os casos no inglês antigo, a saber:

Nominativo – É o caso que designa a pessoa ou coisa de que trata a frase, geralmente o sujeito, como por exemplo *se cyning* ("o rei"). Adjetivos na função predicativa também tomavam a forma de nominativo.

Genitivo⁵ – É principalmente o caso do complemento terminativo do nome, cuja função principal é indicar posse, como por exemplo *þæs cyninges scip* ("o navio do rei").

⁵ O -s indicador do genitivo singular e também do plural geral dos substantivos no inglês moderno vem diretamente do genitivo singular e das formas do plural do nominativo-acusativo do

Dativo – É principalmente o caso da atribuição, indicando a pessoa ou coisa a quem um objeto é destinado, ou em benefício de quem se faz alguma coisa. Seu emprego mais comum e generalizado é indicar a função de objeto ou complemento indireto da oração, como por exemplo *Ohthere sæde his hlaforde / Ælfrede cyninge...* (“Ohthere disse ao seu senhor, (ao) Rei Alfredo”).

Acusativo – A função primária do acusativo é a de indicar o objeto ou complemento direto do verbo. Por exemplo *Æþelbald lufode þone cyning* (“Æþelbald amava o rei”), onde *Æþelbald* é o sujeito e *þone cyning* é o objeto. Note-se que o acusativo já havia começado a se mesclar com o nominativo.

A declinação foi grandemente simplificada durante o período do inglês médio (1100–1500), quando os pronomes no acusativo e dativo se fundiram num único pronome objeto (oblíquo). Devido às limitações de espaço e a complexidade do tema, trataremos aqui somente das cinco categorias gramaticais mais relevantes.

3.2.1. Substantivo

No estudo das flexões nominais, é fácil perceber que a palavra é constituída essencialmente de dois elementos: *tema* e *desinência*. As desinências são em geral as mesmas para cada caso, variando de declinação para declinação a parte final do tema, que se caracteriza pelo elemento que imediatamente precede a desinência. Desse modo, enquanto o tema encerra a significação da palavra e a característica da declinação a que a mesma pertence, a desinência indica simultaneamente as categorias gramaticais de *gênero*, *número* e *caso*.

Havia diferentes terminações dependendo da categoria de número do substantivo singular (por exemplo, *hring* “um anel”) ou plural (por exemplo, *hringas* “muitos anéis”). Os substantivos são também categorizados pelo gênero gramatical – masculino, feminino

inglês antigo. Essa forma é o resultado da redução da vogal átona –as, que veio também a ser grafada –es no inglês médio. Novas palavras invariavelmente conformam o que sobrevive da declinação de tema em –a (por exemplo *the king's* “do rei”, *the kings* “os reis”, *the kings'* “dos reis”, sem nenhuma distinção na pronúncia), de modo que pode-se afirmar ser este o único vestígio de declinação sobrevivente no inglês moderno.

ou neutro. Os substantivos masculinos e neutros geralmente possuem terminações idênticas na maioria dos casos. No plural não há distinção entre gêneros.

Além do mais, os substantivos no inglês antigo se classificam em fortes e fracos. Os substantivos fracos possuem terminações mais uniformes; já os substantivos fortes possuem formas mais variáveis. Seria impossível descrever em detalhes todas as flexões do inglês antigo num trabalho suscinto como este. Os paradigmas abaixo nos dão uma ligeira noção das flexões nominais do inglês antigo. São três exemplos, sendo dois de declinação forte e um de declinação fraca: *stān* “pedra” (de tema masculino em *-a*); *giefu* “presente” (de tema feminino em *-ō*); e *cnapa* “criado” (de tema masculino em consoante):

<i>Caso</i>	Singular	Plural
Nom.	(se) stán	(þá) stánas
Acus.	(þone) stán	(þá) stánas
Gen.	(þæs) stánes	(þára) stána
Dat.	(þæm) stáne	(þæm) stánum

<i>Caso</i>	Singular	Plural
Nom.	(sé) giefu	(þá) giefa
Acus.	(þá) giefe	(þá) giefa
Gen.	(þære) giefe	(þára) giefa
Dat.	(þære) giefe	(þæm) giefum

Caso	Singular	Plural
Nom.	(se) cnapa	(há) cnapan
Acus.	(þone) cnapan	(há) cnapan
Gen.	(þæs) cnapan	(þára) cnapena
Dat.	(þæm) cnapan	(þæm) cnapum

É importante observar que o inglês antigo não possuía um mecanismo indicador de pluralidade isolado, ou seja, independente do conceito de caso. Foi somente a partir do inglês médio que o nominativo-acusativo plural em *-es* (do inglês antigo *-as*) fez desaparecer as outras flexões de caso no plural (salvo em algumas expressões genitivas de medidas do tipo *three foot board* “uma prancha de três pés”, em vez de *feet*). A terminação *-en* (do inglês antigo *-an*), que ainda sobrevive em *oxen* “bois”, do mesmo modo, não indicava pluralidade sozinha nos períodos antigos da língua.⁶ Dos plurais por mutação vocálica do inglês antigo ainda sobrevivem no inglês moderno: *teeth* “dentes”, *feet* “pés”, *men* “homens”, *women* “mulheres”, *mice* “ratos”, *lice* “piolhos”, e *geese* “gansos”. No inglês antigo, esses substantivos se pluralizavam da seguinte maneira: *fōt-fēt*, *tōþ-tēþ*, *mann-menn*⁷, *wifmann-wifmenn*, *mūs-mys*, *lūs-lys*, e *gōs-gēs*.

⁶ No período inicial do inglês médio, somente dois métodos de indicar o plural permaneceram bem distintos: o *-s* ou *-es* da declinação forte e o *-en* (como em *oxen*) da declinação fraca. E durante certo tempo, pelo menos na parte sul da Inglaterra, teria sido difícil prever que o *-s* iria se tornar o indicador de plural quase universal do idioma. Até o século XIII, o plural em *-en* predominou no sul, sendo frequentemente acrescentado a substantivos que não pertenciam à declinação fraca no inglês antigo. Porém, no resto da Inglaterra o plural em *-s* (e o genitivo singular) da antiga primeira declinação (masculina) era predominante. Sua extensão ocorreu mais rapidamente ao norte. Mesmo no inglês antigo, muitos substantivos originalmente de outras declinações haviam passado para essa declinação no dialeto de Northumbria. Antes do ano 1200, o *-s* era a desinência padrão de plural nas áreas do norte e do sul de Midlands; as demais formas eram excepcionais. Cinquenta anos mais tarde havia conquistado o restante de Midlands e no decorrer do século XIV já havia definitivamente sido aceito em toda a Inglaterra como o indicador normal do plural dos substantivos em inglês. (BAUGH & CABLE, 1993, p. 156).

⁷ Cf. o desenvolvimento semelhante no alemão *Mann-Männer*, *Fuss-Füsse*, embora o alemão indique graficamente a mutação vocálica pelo emprego do trema sobre a vogal.

3.2.2. *Adjetivo*

O adjetivo no inglês antigo flexiona para indicar as distinções de gênero, número e caso. Existem dois paradigmas de declinação para o adjetivo: forte e fraco. Diferentemente do substantivo, o mesmo adjetivo pode declinar-se num ou noutro paradigma, dependendo da estrutura da frase. Desse modo, quando o adjetivo segue um demonstrativo ou possessivo declina-se como fraco; nos demais casos, declina-se como forte.

Paradigma para o adjetivo *swift* (“veloz”) na declinação fraca:

Singular

<i>Caso</i>	Masculino	Feminino	Neutro
Nom.	(se) swifta	(séo) swifte	(Paet) swifte
Acus.	(þone) swiftan	(þá) swiftan	(Paet) swifte
Gen.	(þæs) swiftan	(þære) swiftan	(þæs) swiftan
Dat.	(þæm) swiftan	(þá) swiftan	(þæm) swiftan

Plural (todos os três gêneros)

<i>Caso</i>	
Nom.	(þá) swiftan
Acus.	(þá) swiftan
Gen.	(þára) swiftena
Dat.	(þæm) swifstum

Agora, o mesmo adjetivo na declinação forte:

Singular				Plural			
Caso	Masculino	Feminino	Neutro	Nom.	swifte	swiftra	swift
Nom.	swift	swift	swift	Acus.	swifte	swiftra	swift
Acus.	swifne	tswifte	swift	Gen.	swiftra	swiftra	swiftra
Gen.	swiftes	swifre	swiftes	Dat.	swiftum	swiftum	swiftum
Dat.	swiftum	swifre	Swiftm				
Instr.	swifte		swifte				

Comparativo e superlativo

O comparativo de *swift* é *swiftra*.

O superlativo de *swift* é *swiftost*

3.2.3. Artigo definido

O artigo definido no inglês antigo desempenhava praticamente a mesma função que desempenha no inglês moderno, ou seja, a de determinante; porém, às vezes exercia o papel de pronome demonstrativo e pronome relativo. Isto é, podia significar não somente *the* (“o”, “a”; “os”, “as”), mas também *this*, *that*, *these*, *those* (“este”, “aquele”; “estes”, “aqueles”); ou podia ser usado como pronome relativo para introduzir uma oração subordinada. Quando o artigo definido é usado como pronome relativo, ele concorda com o seu antecedente em gênero e número.

Atualmente, o artigo definido *the* é uma palavra simples e invariável, mas no inglês antigo declinava em gênero, número e caso, em concordância com o substantivo que determinava, conforme mostra a tabela abaixo.

<i>Caso</i>	Masculino	Feminino	Neutro	Plural (todos os três gêneros)
Nom.	sé	séo	þaet	þá
Acus.	þone	þá	þaet	þá
Gen.	þaes	þaere	þaes	þára
Dat.	þaem	þaere	þaem	þaem
Instr.	þý /þon		þý /þon	

A tabela seguinte mostra a concordância do adjetivo e do artigo definido com o substantivo:

<i>Caso</i>	Masculino	Feminino	Neutro
Nom.	se dola cyning	seo dole ides	tæt dole bearn
Acus.	tone dolan cyning	ta dolan idese	tæt dole bearn
Gen.	tæs dolan cyninges	tære dolan idese	tæs dolan bearnes
Dat.	tæm dolan cyninge	tære dolan idese	tæm dolan bearne
Tradução	O rei tolo	A mulher tola	A criança tola

Desse modo, num paradigma nominal padrão temos 4 casos x 2 números x 3 gêneros = 24 “lacunas” morfológicas — mas o inglês antigo possuía somente nove formas para todas essas flexões, a saber: Ø (ausência de flexão), umlaut (do alemão “alteração de som”), -u, -a, -e, -an, -um, -as, -es (bem mais simples, portanto, do que o alemão).

3.2.4. *Pronome*

No inglês antigo, todos os pronomes são declináveis, sendo, porém, seu sistema de declinação diferente dos diversos sistemas de declinação nominal.

Pronomes pessoais – Os pronomes pessoais dividem-se pelas três pessoas gramaticais, sendo em número de seis.

Primeira pessoa: <i>iċ</i> (singular) e <i>wé</i> (plural)			Segunda pessoa: <i>þu</i> (singular) e <i>ʒe</i> (plural)		
Caso	Singular	Plural	Caso	Singular	Plural
Nom.	ic	wé	Nom.	þu	ʒe
Acus.	mé	ús/úsiċ	Acus.	þé/þeċ	éow/éowiċ
Gen.	mín/meċ	úser/úre	Gen.	þín	éower
Dat.	mé	ús	Dat.	þé	éow

Terceira pessoa: *he* (singular) e *hie* (plural)⁸

Caso	Masculino	Feminino	Neutro	Plural
Nom.	hé	héó	hit	híe/hí
Acus.	hine	híe	hít	híe/hí
Gen.	his	hire	his	hira/hiera
Dat.	him	hire	him	him

Ao lado desses pronomes, havia também duas formas duais, de uso menos frequente, somente para a primeira e segunda pessoa, e que se traduziriam como “nós dois” e “vocês dois”.

Caso	Primeira pessoa	Segunda pessoa
Nom.	wit	ʒit
Acus.	unc	inc
Gen.	uncer	inser
Dat.	unc	inc

⁸ O pronome para designar “ela” no inglês antigo era *héó*. O pronome “she” do inglês moderno provavelmente vem do demonstrativo feminino *séo*, que deriva do germânico comum **sjó*. A necessidade de uma nova forma para esse pronome surgiu parcialmente da coincidência no inglês médio *hé* (“he”) e no inglês antigo *héó* (“she”) sob a forma *he*. Já os pronomes do inglês moderno “they”, “their”, e “them” são de origem escandinava. Não há explicação plausível para essa substituição.

Pronomes interrogativos – Esses pronomes se traduzem por *who* “quem” ou *what* “que ou qual” e se usam somente em frases interrogativas.

<i>Who (masculino e feminino)</i>		<i>What (neutro)</i>
Nom.	hwá	hwæt
Acus.	hwone	hwæt
Gen.	hwæs	hwæs
Dat.	hwæm	hwæm
Instr.		hwy ⁹

3.2.5. Verbo

3.2.5.1. Generalidades

O verbo no inglês antigo é flexionado para indicar as distinções de pessoa, número e tempo. O sistema temporal é bem mais simples do que no inglês moderno. Há apenas dois tempos: o *presente* e o *passado* (pretérito). Não há futuro no inglês antigo. Para expressir essa função, utilizavam-se perífrases com auxiliares modais, do tipo *willan* (literalmente: "to wish to do" = desejar fazer) ou *sculan* (literalmente: "to have to do" = ter que fazer) + infinitivo. O pretérito inclui o território semântico ocupado no inglês moderno pelas formas compostas do “past progressive” (I was writing), do “present perfect” (I have written), e do “past perfect” (I had written).¹⁰

Os verbos no inglês antigo, quanto à morfologia, se classificam em verbos *fracos* e verbos *fortes*. Como em todas as línguas

⁹ Do instrumental neutro *hwy* desenvolveu-se o pronome interrogativo moderno *why* “por que”.

¹⁰ Essas formas verbais compostas começaram a se desenvolver ainda no período do inglês antigo, provavelmente para suprir noções aspectuais ao lado da categoria de tempo. Desse modo, no inglês moderno, verifica-se uma oposição aspectual bem marcada entre frases do tipo:

I wrote a letter last week. (“Escrevi uma carta na semana passada.”) e
I have written letters. (“Escrevi cartas.”)

No primeiro caso, o falante se refere a uma ação passada definida e conhecida, portanto, marcada pelo adjunto adverbial “last week”. Já no segundo, trata-se de uma ação que, embora seja também passada, percebe-se uma ligação do passado com o presente, ou seja, a ação tem consequências no presente.

germânicas, no inglês antigo, a diferença entre verbos fracos e fortes é significativa. Essa diferença está na formação do pretérito. Os verbos fracos formam o pretérito acrescentando as desinências *-ede*, *-ode*, ou *-de* (que correspondem às terminações do inglês moderno *-d* ou *-t*) ao radical, como por exemplo *laugh – laughed* “rir, gargarhar”.

Já os verbos fortes são caracterizados pela mudança da vogal do radical no pretérito. Por exemplo, no inglês moderno, *sing* “cantar” se torna *sang* no passado e *sung* no particípio passado. No inglês antigo, a mudança nas vogais segue um padrão fixo conforme a classe dos verbos fortes. Assim, os verbos fortes apresentam quatro formas básicas: o infinitivo, o pretérito singular (primeira e terceira pessoas), o pretérito plural, e o particípio passado. No inglês antigo, os verbos fortes podem ser grupados em sete classes gerais. Cada classe possui uma combinação vogal-consoante na forma do infinitivo.

Embora haja variações dentro de cada classe, os seguintes verbos servem como paradigma geral das sete classes: *drīfan* “dirigir, guiar”, *cēosan* “escolher”, *drincan* “beber”, *beran* “suportar, dar à luz”, *sprecan* “falar”, *faran* “viajar, ir”, *feallan* “cair”. Essas formas mais antigas esclarecem por que as formas modernas são “irregulares” – isto é, fortes. A sequência de sons vocálicos do radical é também indicada na lista, embora houvesse algumas exceções, especialmente no infinitivo.

Classe	Infinitivo	Pretérito singular	Pretérito plural	Particípio passado
I	drīfan, ī	drāf, ā	drifon, i	drifen, i
II	cēosan, ēo	cēas, ēa	curon, u	coren, o
III	drincan, ī	dranc, a	druncon, u	drencen, u
IV	beran, e	bær, æ	bæron, æ	boren, o
V	sprecan, e	spræc, æ	spræcon, æ	sprecen, e
VI	faran, a	for, ō	foron, ō	faren, a

VII	feallan	fēoll	fēollon	fēollen ¹¹
-----	---------	-------	---------	-----------------------

As diferentes terminações pessoais podem ser ilustradas pelo paradigma de conjugação do verbo forte *stelan* “roubar”.

Conjugação	Pronome	“roubar”
Infinitivos		stelan
		tō stelanne
Presente do Indicativo	ic	stele
	þū	stilst
	hē/hit/hēo	stilð
	wē/Ʒe/hīe	stelap
Pretérito do Indicativo	ic	stæł
	þū	stæle
	hē/hit/hēo	stæł
	wē/Ʒe/hīe	stælon
Presente do Subjuntivo	ic/þū/hē/hit/hēo	stelen
	wē/Ʒe/hīe	stelen
Passado do Subjuntivo	ic/þū/hē/hit/hēo	stæle
	wē/Ʒe/hīe	stælen
Imperativo	Singular	stel
	Plural	stelap
Particípio Presente (gerúndio)		stelende
Particípio passado		stolen

Há três classes de verbos fracos no inglês antigo. Na tabela abaixo, três verbos são conjugados: *swebban* “fazer dormir” é um verbo da classe I, com vogal geminada e epentética¹²; *hælan* “curar” é um verbo da classe I, sem vogal geminada nem epentética; *sīðian* “viajar” é um verbo da classe II. Todos os verbos da classe II possuem vogal epentética (<a> ou <o>).

¹¹ As vogais do radical nos verbos da classe VII eram variadas, embora *eo* geralmente aparecia nas formas de passado.

¹² A epêntese (do grego ἐπέñθησις) é um fenômeno que resulta do desenvolvimento de um fonema no interior de um vocábulo e vogal epentética consiste na emissão de uma vogal entre duas consoantes.

Conjugação	Pronome	“fazer dormir”	“curar”	“viajar”
Infinitivos		swebban	hǣlan	sīðian
		tō swebbanne	tō hǣlanne	tō sīðianne
Presente do Indicativo	ic	swebbe	hǣle	sīðie
	þū	swefest	hǣlst	sīðast
	hē/hit/hēo	swefeþ	hǣlþ	sīðað
	wē/Ʒē/hīe	swebbap	hǣlap	sīðiað
Pretérito do Indicativo	ic	swefede	hǣlde	sīðode
	þū	swefedest	hǣldest	sīðodest
	hē/hit/hēo	swefede	hǣle	sīðode
	wē/Ʒē/hīe	swefedon	hǣlon	sīðodon
Presente do Subjuntivo	ic/þū/hē/hit/hēo	swebbe	hǣle	sīðie
	wē/Ʒē/hīe	swebben	hǣlen	sīðien
Pretérito do Subjuntivo	ic/þū/hē/hit/hēo	swefede	hǣlde	sīðode
	wē/Ʒē/hīe	swefeden	hǣlden	sīðoden
Imperativo	Singular	swefe	hǣl	sīða
	Plural	swebbap	hǣlap	sīðiað
Particípio presente (gerúndio)		swefende	hǣlende	sīðiende
Particípio passado		swefed	hǣled	sīðod

3.2.5.2. O verbo *béon/wesan*: be (“ser” ou “estar”)

Esse verbo supletivo é extremamente irregular. Essa irregularidade resulta da evolução de três radicais diferentes do indo-europeu, como se pode verificar mediante comparação com o latim e o alemão: **es-* **is-* (cf. latim *est*, alemão *ist*); **bheu-* **bhu-*; (cf. latim *fui*, alemão *ich bin*, *du bist*, inglês moderno *be*, *been*); **wes-* **wēs-* (cf. alemão *war*, *wäre*, *gewesen*, inglês moderno *was*, *were*). No presente do indicativo, há dois conjuntos de forma que eram usadas de maneira intercambiável, embora houvesse uma tendência a usar as formas *béo*, *bist*, *bip*, *béop* para exprimir futuro.

A tabela que se segue mostra *béon* no presente e no pretérito com os pronomes pessoais. As demais formas são apresentadas de maneira simplificada.

Presente do indicativo		
ic eom	ic béo	I am
þú eart	þú bist	thou art (i.e. you are <i>singular</i>)
héo, hé, hit is	héo, hé, hit biþ	she, he, it is
wé sindon (sind, sint)	wé bóþ	we are
Ʒé sindon (sind, sint)	Ʒé béoþ	you are (<i>plural</i>)
híe sindon (sind, sint)	híe béoþ	they are
Pretérito do indicativo		
ic wæs		I was
þú wære		thou wert (i.e. you were <i>singular</i>)
héo, hé, hit wæs		she, he, it was
wé wæron		we were
Ʒé wæron		you were (<i>plural</i>)
híe wæron		they were
Presente do subjuntivo		
Singular (todas as três pessoas): <i>síe</i>		Plural (todas as três pessoas): <i>síen</i>
Retérito do subjuntivo		
Singular (todas as três pessoas): <i>wære</i>		Plural (todas as três pessoas): <i>wæren</i>
Imperativo		
Singular: <i>wæs/béo</i>		Plural: <i>wesap/béoþ</i>
Particípio presente (gerúndio): <i>wesende</i>		

4. Considerações finais

Ao lado da pronúncia e do vocabulário, o inglês antigo difere marcadamente do inglês moderno pela existência do gênero gramatical baseado nas diferenças de sexo (masculino/feminino) ou ausência de marca distintiva de sexo (neutro) e sobretudo pela existência das flexões do substantivo, do adjetivo e dos pronomes pessoais. Os pronomes pessoais preservaram bastante de sua complexidade no inglês moderno. O verbo, com exceção do emprego mais extensivo do subjuntivo, é apenas ligeiramente mais complexo do que no inglês moderno; porém, o inglês antigo possuía um número consideravelmente maior de verbos fortes do que o inglês moderno.

A divisão tripartida de gênero do indo-europeu foi preservada no inglês até o período do inglês médio (1100–1500) e ainda sobrevive no alemão e no islandês. Indiscutivelmente, o gênero de um substantivo originalmente nada tinha a ver com o sexo, nem tão pouco possui necessariamente conotação sexual nas línguas que ainda preservaram o gênero gramatical (em oposição ao gênero “natural”). No inglês antigo, os substantivos *wif* “esposa, mulher” e *mæden* “donzela” são neutros, como nos respectivos cognatos em alemão *Weib* e *Mädchen*. *Brid* “filhote de pássaro” é masculino; *beorn* “filho, criança” é neutro. *Brēost* “seio” e *hēafod* “cabeça” são neutros, mas *brū* “sobrancelha”, *wamb* “ventre”, e *eaxl* “ombro” são femininos; em contrapartida, *fot* “pé” é masculino. *Strengþu* “força” é feminino, *broc* “aflição” é neutro, e *drēam* “alegria” é masculino. *Dæg* “dia” é masculino, mas *niht* “noite” é feminino.

Outra característica do inglês antigo que logo se evidencia ao leitor moderno é o escasso número de palavras derivadas do latim e a ausência de palavras do francês que compõem mais de 50% do léxico atual do inglês, ou seja, cerca de 80.000 palavras, conforme o *Shorter Oxford English Dictionary*. O vocabulário do inglês antigo é quase totalmente germânico. Além do mais, a maior parte desse vocabulário simplesmente desapareceu do idioma. Conforme BAUGH & CABLE (1993), quando a conquista normanda levou o francês para a Inglaterra como a língua da aristocracia, grande parte do vocabulário do inglês antigo apropriado para o uso literário desapareceu, sendo mais tarde substituído por termos equivalentes tomados do francês, que passou a língua oficial do reino e do latim, o idioma oficial da Igreja. Foi, pois, durante esse período que o alfabeto latino substituiu a escrita rúnica dos Anglo-Saxões. Um exame acurado das palavras consignadas num dicionário do inglês antigo mostra que 85 por cento delas estão em desuso. As que sobrevivem, na verdade, constituem os elementos básicos do vocabulário e, pela frequência com que ocorrem, formam grande parte de qualquer oração em língua inglesa. Afora os pronomes, preposições, conjunções e verbos auxiliares, essas palavras exprimem os conceitos fundamentais do idioma, como *wif* > *wife* “esposa, mulher”, *cild* > *child* “criança”, *hūs* > *house* “casa”, *weall* > *wall* “muro”, *mete* > *meat* “carne”, *gærs* > *grass* “grama”, *lēaf* > *leaf* “folha”, *fogul* > *foul* “ave”, *gōd* > *good* “bom”, *hēath* > *high* “alto”, *strang* > *strong* “forte”, *etan* > *eat*

“comer”, *drincan* > *drink* “beber”, *sloæpan* > *sleep* “dormir”, *libban* > *live* “viver”, *foehatan* > *fight* “lutar” etc.

Quase tudo mudou. No inglês moderno, como vimos, o gênero gramatical dos substantivos desapareceu completamente, os adjetivos não mais concordam com os substantivos em número, caso e gênero; os substantivos possuem apenas dois casos: *nominativo* e *genitivo*; os verbos se reduziram a poucas formas (no presente do indicativo só flexionam na terceira pessoa do singular); o subjuntivo praticamente desapareceu. As diversas noções aspectuais se fazem através de perífrases. A maioria dessas mudanças foi causada, ou pelo menos acelerada, pelas invasões dos Nórdicos, nos fins do século VII e dos Normandos, em 1066, mas isso é outra história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANÔNIMO. *Beowulf: a new verse translation* (Bilingual Edition) by Seamus Heaney. New York: W.W. Northon & Company, 2000.

ANÔNIMO. *The Anglo Saxon chronicle: a history of England from Roman times to the Norman conquest*. Translated by Rev. James Ingram in 1823. St. Petersburg, Florida: Red and Black Publishers, 2009.

BAUGH, Albert; CABLE, Thomas. *A history of the English language*. 4th ed. London: Routledge, 1993.

BEDE. *The Ecclesiastical history of the English people* (Penguin Classics) D.H. Harmer (Editor, Introduction), Ronald E. Latham (Editor), Leo Sherley-Price (Translator). London: Penguin Books, 1990.

BIBLE: Authorized King James version (Oxford World's Classics). London: Oxford University Press, 1990.

CARLSEN, G. Robert; CARLSEN, Ruth Christoffer (editors). *English literature: a chronological approach*. New York: Webster-MacGraw-Hill, 1985.

CLARK-HALL, J. R. *A Concise Anglo-Saxon dictionary* (MART: The Medieval Academy Reprints for Teaching) Reprinted of the fourth edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

- D'HAUTERIVE, R. Grandsaignes. *Dictionnaire des racines des langues européennes*. Paris: Larousse, 1948.
- FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.
- HARVEY, Sir Paul. *The Oxford companion to English Literature*. Fourth edition. Oxford: Oxford University Press, 1967.
- LINDOW, John. *Norse mythology: a guide to gods, heroes, rituals, and beliefs*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- McARTHUR, Tom (editor). *The Oxford companion to the English language*. Oxford and New York: Oxford University Press, 1992.
- McCRUM, Robert; CRAM, William; MacNEIL, Robert. *The story of English*. London: Faber and Faber, 1986.
- McGILLVRAY, Murray. *Old English: an introductory course*. University of Calgary. Disponível em: <http://www.the-orb.net/textbooks/oeindex.html>. Acesso em: 15 maio 2010.
- MOORE, Samuel; KNOTT, Thomas A. *The elements of Old English*. 1919. Ed. James R. Hulbert. 10th ed. Ann Arbor, Michigan: George Wahr Publishing Co., 1958.
- ONIONS, C. T. *The Oxford dictionary of English etymology*. Oxford: Oxford University Press, 1966.
- PILES, Thomas. *The origins and development of the English language*. Second edition. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1971.
- POOLEY, R. C. (ed.). *England in literature*. Illinois: Scott, Foresman and Company, 1968.
- TRUMBLE, William R.; BROWN, Lesley; STEVENSON, Angus (editors). *Shorter Oxford English dictionary* (5th ed.). Oxford: Oxford University Press, 2004.